

**PARADIGMAS DO TRABALHO DOCENTE: PERCEPÇÃO DE PROFESSORES
MUNICIPAIS AFASTADOS OU READAPTADOS POR ESTRESSE SOBRE OS
FATORES CAUSAIS**

**Paradigms of teaching work: perception of municipal teachers parted or rebuilt
by stress on the causative factors**

Cassiana Barreto Rippel¹, Schayane Homem², Lucas Borges Steffen³, Willians
Cassiano Longen⁴

¹ Engenheira de Alimentos. Pós-Graduada em Engenharia de Segurança do Trabalho pela Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC, Criciúma/SC/Brasil.

² Fisioterapeuta. Mestranda em Saúde Coletiva pela Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC. Membro pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Saúde do Trabalhador - NEPST, Criciúma/SC/Brasil.

³ Acadêmico da 9ª fase do Curso de Fisioterapia da Universidade do Extremo Sul Catarinense. Membro pesquisador do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Saúde do Trabalhador - NEPST, Criciúma/SC/Brasil.

⁴ Fisioterapeuta. Mestre em Ergonomia. Doutor em Ciências da Saúde. Professor do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva-PPGSCol. Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Saúde do Trabalhador - NEPST- UNESC, Criciúma/SC/Brasil.

Endereço para correspondência:

Willians Cassiano Longen

Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC, Av. Universitária, 1105, UNASAU. Bairro Universitário, Criciúma, SC.

CEP: 88806-000

Email: willians@unesc.net

Resumo

O ensino é uma atividade na qual se observam diversos estressores psicossociais, que podem estar relacionadas à natureza da relação entre a profissão e o contexto político, social e institucional onde as atividades são exercidas. O presente trabalho teve como objetivo identificar as percepções de professores afastados ou realocados no trabalho em função do estresse sobre as principais causas. A pesquisa foi realizada com os 10 professores da rede de ensino municipal de Jaguaruna/SC que estavam em afastamento ou remanejamento da função, atribuída clinicamente ao estresse. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética, sob o número 381.159/2014. Os participantes responderam a 27 questões e a entrevista semi-estruturada. Os resultados revelaram as condições físicas e organizacionais precárias para a realização do trabalho e a indisciplina e falta de comprometimento dos estudantes. Destacou-se o risco de evolução para a síndrome de *burnout* e a necessidade de ações de amplitude para a educação.

Palavras-Chave: Estresse; Professor; Educação.

Abstract

Teaching is an activity in which you observe several psychosocial stressors, which can be related to the nature of the relationship between the profession and the political, social and institutional context where activities are carried on. The present work had as objective to identify the perceptions of teachers parted or reallocated at work depending on the stress on the main causes. The survey was conducted with 10 teachers of the municipal teaching network Jaguaruna/SC, who were in or reallocation of the function assigned clinically to stress. The research was approved by the Ethics Committee under the number 381,159/2014. Participants answered 27 questions and the semi-structured interview. The results revealed the precarious physical and organizational conditions for the completion of the work, the indiscipline and lack of commitment of the students. Highlighted the risk of progression to the burnout syndrome and the need for actions of comprehensiveness for education.

Keywords: Stress; Education; Teacher.

INTRODUÇÃO

Ser professor é semear amorosamente sementes cujos frutos talvez nunca tenhamos notícias. Mas é este o papel de professor: mostrar a seus estudantes a melhor forma de construir, por eles mesmos, uma vida. O professor tem uma representação primordial na vida de todas as pessoas, figurando como alicerce para a sociedade¹.

A função de ensinar é tão importante e antiga quanto a própria história da humanidade. É esta condição que diferencia os homens dos demais animais do planeta. Ensinar implica transmitir conhecimento, informações e valores que auxiliam na luta pela sobrevivência e na evolução da civilização humana².

Em seu cotidiano, os professores defrontam-se com os imprevistos inerentes à prática profissional, com a limitação advinda dos métodos e os conteúdos do ensino, bem como as defasagens de um trabalho complexo carregado de demandas múltiplas³.

O ensino é uma atividade na qual se observam diversos estressores psicossociais, que podem estar relacionados à natureza da relação entre a profissão e o contexto político, social e institucional onde as atividades são exercidas⁴.

O estresse para o professor pode surgir como uma ameaça ao seu bem estar e valor pessoal, diminuindo a qualidade das atividades desenvolvidas. Considera-se que os problemas de disciplina dos alunos e a percepção de ineficácia das sanções disciplinares são os fatores que melhor explicam esta situação negativa. Acrescenta-se a isso também a insatisfação profissional por grande parte de professores nos dias atuais, em decorrência de vários aspectos, passando por condições de trabalho e reconhecimento profissional⁵.

Os constantes pedidos de licença-saúde por estresse, ansiedade e depressão levam a pensar no peso da desvalorização social dos professores, pela falta de motivação e insatisfação. Ser professor é possuir uma vocação para a profissão, sacrificar-se, suportando as situações que afetariam gravemente qualquer outro tipo de profissional⁶.

A causa do sofrimento psíquico do professor não é somente de ordem biológica, mas também psíquica subjetiva e relacional. O professor adoece em seu

ambiente de trabalho e mescla sua história pessoal com acontecimentos da vida profissional ao descrever o exercício do magistério como lugar de sofrimento⁶.

As condições de trabalho dos docentes, ou seja, as circunstâncias sob as quais eles mobilizam as suas capacidades físicas, cognitivas e afetivas para atingir os objetivos da produção escolar, podem gerar alterações em suas funções psicofisiológicas. Se não há adequado tempo para recuperação, desencadeiam-se os sintomas clínicos de ansiedade e depressão, podendo ocasionar alterações até mesmo em sua autoestima³.

A baixa remuneração com longas jornadas de trabalho, a pressão quantitativa e qualitativa, associadas a condições precárias de trabalho e à indisciplina dos estudantes, são alguns dos possíveis elementos que geram insatisfação com a profissão⁵.

As principais reclamações, contudo, estão diretamente ligadas à questão salarial, que é muito desvantajosa e tem como consequência uma sobrecarga de trabalho para o profissional conseguir um salário melhor no fim do mês. Como o salário é baixo, o professor procura diversas escolas em diferentes locais, sobrecarregando-se de trabalho, ficando com uma carga horária de trabalho excessiva. Conseqüentemente, leva ainda mais trabalho para casa, deixando de dedicar seu tempo livre ao lazer e a exercícios físicos, por exemplo⁷.

Há experiências de violência na escola, dificuldades de relacionamento no trabalho, baixa autonomia, pouca possibilidade de criatividade nas atividades, falta de tempo para correção de tarefas e provas, além das más condições de trabalho em geral e das mudanças político-educacionais constantes como as causas mais frequentes de episódios de estresse entre professores. Tais características inerentes ao trabalho docente podem favorecer o adoecimento físico ou psíquico do professor⁸.

Um dos fatores que mais incomodam os profissionais da área é a poluição sonora, que é muito intensa no local de trabalho. A necessidade de ficar em pé por muito tempo, os ambientes fechados onde raramente há circulação de ar e o ruído do ar condicionado/ventilador são fatores apontados como “irritantes”⁹.

A falta de educação e limite dos alunos como um agravante para o estresse, sendo que muitos estão desmotivados com os estudos e não se comprometem com o conhecimento¹⁰.

Apesar da conquista de uma maior liberdade, houve bastantes prejuízos no que diz respeito à autoridade e à disciplina, sendo que a soma desses extremos pode ser perigosa. Como exemplo disso podem-se citar os relatos de casos de ameaças ou mesmo violência sofridas pelo professor no ambiente de trabalho por parte dos alunos. A liberdade fornecida em casa, na escola e até mesmo na sociedade tem proporcionado uma realidade nada favorável. Muita coisa caiu na banalidade, e a escola tornou-se um lugar em que muitos jovens intencionam apenas encontrar amigos e se divertirem¹¹.

Ressalta-se que um dos maiores problemas para os professores é o retorno às salas de aula após um maior período de afastamento. Encarar todos os desafios novamente e reafirmar-se como professor após um período distanciado do ambiente escolar pode criar um abismo entre estes profissionais e os alunos que os recebem. O medo e a ansiedade são obstáculos frequentes nessa reinserção à sua antiga função. Neste sentido, este trabalho teve como objetivo identificar os elementos percebidos como fatores estressores por professores afastados ou remanejados de função por estresse.

METODOLOGIA

Este foi um estudo transversal descritivo. A amostra foi composta por 10 professores da rede de ensino municipal de Jaguaruna/SC, sendo este o quantitativo de docentes que apresentavam afastamento ou remanejamento da função atribuída clinicamente ao estresse e que concordaram com a participação voluntária no estudo, através da assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido e Informado (TCLE). Do efetivo de voluntários, 3 professores eram de Educação Física, 3 de Matemática, 1 de Língua Portuguesa e 3 de disciplinas diversas. O projeto deste estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Extremo Sul Catarinense-UNESC, sob o parecer n. 381.159/2014.

Foi elaborado um questionário com 13 questões gerais dos professores (idade, gênero, tempo de serviço, titulação, carga horária semanal), sendo que na sequência os voluntários responderam a mais 14 questões que intencionalmente confrontou-os com situações apontadas pela literatura como fontes de descontentamento dos professores na sua rotina de trabalho (condições de trabalho,

atribuições à profissão docente, relação com os alunos e com a sociedade). Nestas questões, eles deveriam relacionar a situação proposta com o nível de desconforto que esta situação poderia lhes causar.

Foi solicitado um relato aberto de cada professor, contando suas experiências e expectativas quanto ao retorno à atividade docente, facultando neste quesito sua livre manifestação, através de entrevista semi-estruturada.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foi possível identificar as características gerais dos participantes, como faixa etária, sexo, tempo de experiência na profissão, grau de titulação e carga horária semanal trabalhada pelos participantes (Tabela 1).

Tabela 1. Características da Formação e de Trabalho de Professores do Ensino Municipal.

Participante	Idade	Gênero	Tempo de Experiência	Titulação	Carga Horária Semanal
1	38	Feminino	Mais de 5 anos	Pós-graduação	40 horas
2	35	Feminino	Mais de 5 anos	Pós-graduação	40 horas
3	34	Feminino	Mais de 5 anos	Pós-graduação	20 horas
4	41	Masculino	Mais de 5 anos	Pós-graduação	30 horas
5	43	Masculino	De 3 a 4 anos	Ensino Superior	40 horas
6	40	Feminino	Mais de 5 anos	Pós-graduação	40 horas
7	51	Feminino	Mais de 5 anos	Pós-graduação	Mais de 40 horas
8	44	Feminino	Mais de 5 anos	Pós-graduação	40 horas
9	34	Masculino	Mais de 5 anos	Pós-graduação	Mais de 40 horas
10	45	Feminino	Mais de 5 anos	Pós-graduação	Mais de 40 horas

Fonte: Instrumentos de Pesquisa do Estudo. Dados dos Pesquisadores (2014).

A idade dos participantes variou de 34 a 51 anos e 90% lecionam há mais de 5 anos, caracterizando uma amostragem com expressiva experiência profissional. A maior parte da amostra foi composta por mulheres, envolvendo 70%, sendo que 90% dos entrevistados possuem pós-graduação completa.

A carga horária dedicada ao trabalho varia de 20 a 40 horas semanal, sendo que 30% conta com carga horária de 40 horas e outros 30% com mais de 40 horas semanais. Estes últimos envolvendo horas de trabalho fora da rede municipal em questão.

A maioria dos entrevistados, representando 90%, afirma não estar contente com a sua remuneração atual, e 80% da amostra afirma que reduziria sua jornada de trabalho semanal se a remuneração fosse melhor.

Dentre os professores entrevistados, 70% atuam nos anos finais do ensino fundamental (6º ao 9º ano), 30% atuam tanto nos anos finais do fundamental quanto no ensino médio, 20% trabalham com os anos iniciais do ensino fundamental (1º ao 5º ano) e 10% lecionam somente para o ensino médio.

Quanto à escolha da profissão, a maioria, ou seja, 70% dos entrevistados, relatou que optaram pela docência por vocação. Os outros 30% afirmam ter escolhido ser professor pela facilidade em ter um emprego, por ser formação de baixo custo ou não souberam relatar especificamente o motivo concreto.

No que se refere à distância da residência até a escola, 40% dos participantes afirmam que moram longe da escola em que trabalham. Dentre eles, todos utilizam condução particular para se deslocar até o ambiente de trabalho.

As situações impostas aos participantes foram divididas em três categorias:

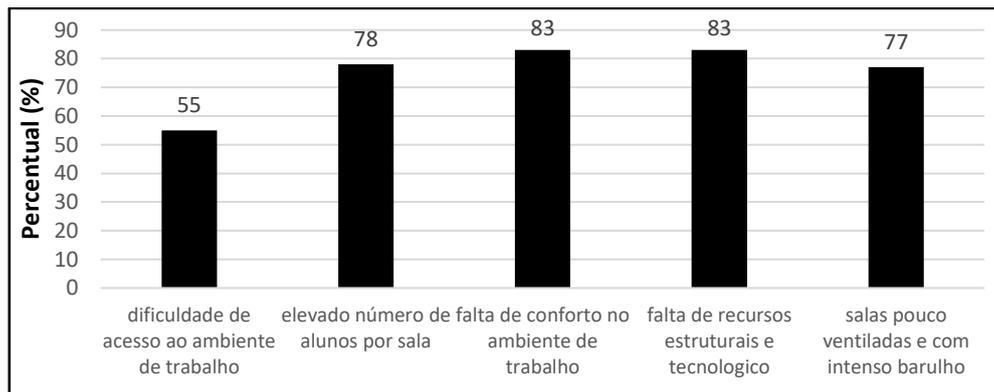
Condições de trabalho: dificuldade de acesso ao ambiente de trabalho, salas de aulas lotadas, mal ventiladas e com barulho intenso, desconforto no ambiente de trabalho, falta de recursos estruturais e tecnológicos.

Atribuições à profissão docente: intensa jornada de trabalho, nível de preparação, presença de alunos especiais, atividades extraclasse, falta de autonomia no trabalho.

Relação com os alunos e com a sociedade: indisciplina, falta de comprometimento com as aulas, violência, falta de reconhecimento da profissão docente.

Na resposta aos questionários, os componentes firmados para cada dimensão foram levantados junto aos voluntários. Os professores elegiam os itens que consideravam relevantes entre os 5 itens citados em relação às condições de trabalho (Figura 1).

Figura 1. Percentuais de Fatores Eleitos como Impactantes nas Condições de Trabalho na Percepção dos Professores (% de Professores).

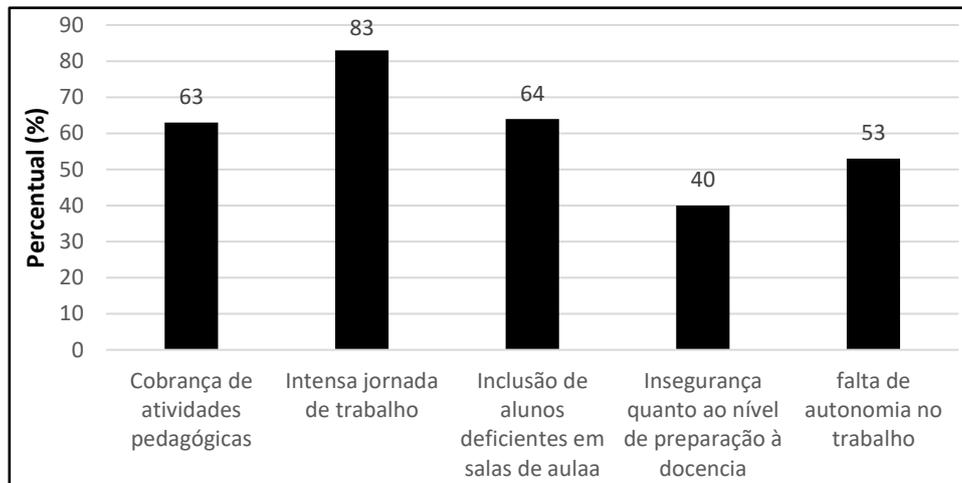


Fonte: Instrumentos de Pesquisa do Estudo. Dados dos Pesquisadores (2014).

Após o agrupamento dos dados, percebeu-se maior destaque aos fatores falta de conforto no ambiente de trabalho e falta de recursos estruturais e tecnológicos. Os professores demonstram a intenção de inovar os recursos para favorecer a aprendizagem, no entanto, por vezes sentem-se limitados, pois as escolas em geral não contam com recursos tecnológicos para isso. Outra questão que chama a atenção é a concentração elevada de alunos por sala, uma das consequências é um ambiente quente e abafado, além de haver maior dificuldade no que diz respeito ao atendimento aos alunos.

Explorou-se da mesma forma as exigências organizacionais envolvendo os docentes (Figura 2).

Figura 2. Distribuição da Percepção sobre as Principais Exigências Organizacionais Envolvendo os Professores (% de Professores).

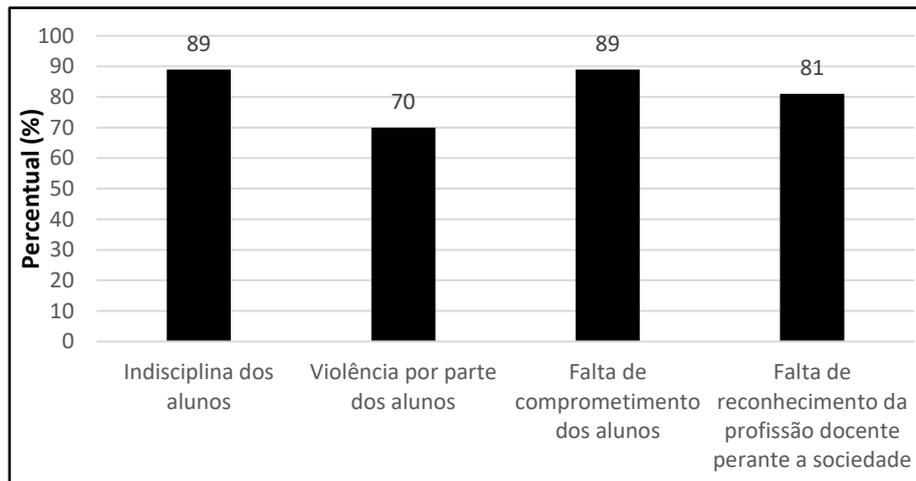


Fonte: Instrumentos de Pesquisa do Estudo. Dados dos Pesquisadores (2014).

A intensa jornada de trabalho destacou-se como sendo o fator percebido de maior incômodo entre estes professores com problemas relacionados ao estresse. Com a carga horária de trabalho maior do que percebem como ideal, a exposição a todos os outros fatores de risco é elevada, o que contribui para uma sobreposição de elementos num ciclo vicioso, que testa os limites de tolerância individuais.

Neste cenário o professor mantém suas relações profissionais com os diferentes atores sociais envolvidos no processo educacional, sendo tais aspectos avaliados na percepção dos professores (Figura 3).

Figura 3 - Distribuição da Percepção dos Professores acerca da Relação com os Estudantes e Demais Atores (% de Professores).



Fonte: Instrumentos de Pesquisa do Estudo. Dados dos Pesquisadores (2014).

A relação aluno professor foi identificada como algo comprometido na percepção dos professores, pois, como se pode apurar, a indisciplina e a falta de comprometimento por parte dos alunos são percebidas como os fatores negativos para o docente. Merece destaque, da mesma forma, a desvalorização do profissional da educação perante a sociedade.

Os participantes foram questionados quanto às suas experiências ou expectativas no retorno à atividade docente, suas dificuldades, expectativas, medos e angústias. A maior parte dos entrevistados queixa-se do comportamento dos alunos:

“A dificuldade que encontro, eu acredito, são as mesmas [sic] que meus colegas. O nível de estresse em relação ao comportamento dos alunos, falta de respeito, falta de interesse pela aprendizagem é muito alto e isso me deixa angustiada. No retorno tive que me adaptar e evitar o estresse”.

“Estou readaptada, pois meu nível de estresse é muito forte, não consigo mais trabalhar em sala de aula, pois não tenho mais paciência para trabalhar com alunos sem educação que não querem fazer mais nada; a educação está de mal a pior, se as coisas não mudarem vai ser difícil encontrar professores para trabalhar”.

Alguns reclamam do uso de medicamentos contra o estresse e os efeitos colaterais que estes ocasionam no organismo:

“A necessidade de uso contínuo de medicação, que causam [sic] efeitos colaterais, alterando o organismo, provocando maior cansaço, sonolência”.

“O uso de medicamentos, cansaço físico e mental, falta de ânimo para desenvolver quaisquer [sic] atividades”.

Outro professor citou que os governantes estão negligenciando a educação ao afirmar:

“O maior medo é que a educação continue em terceiro plano para nossos governantes e o professor não seja valorizado em relação ao salário e ao preparo para a elaboração de atividades pedagógicas humanizadas com os alunos”.

A maioria desta amostra de professores constituiu-se de mulheres, possivelmente porque a função de professor está social e culturalmente associada, embora não exclusivamente, mais à figura da mulher e seu papel na sociedade, de educar e cuidar dos filhos. Neste sentido, a pesquisa realizada por Monteiro e Vedovato¹² firma esta profissão como sendo considerada uma extensão do trabalho doméstico, ao justificar a prevalência do sexo feminino.

Os voluntários, em sua maioria, foram profissionais com pós-graduação concluída, fato este que vem a corroborar com as reflexões de que os professores estão continuamente buscando capacitações para melhor formação profissional.

Segundo Oliveira¹³, a vocação pode ser definida como inclinação ou talento especial para o exercício de certa profissão ou atividade. A vocação profissional faz com que o indivíduo se sinta realizado no exercício das suas funções.

Esta pesquisa aponta que a maior parte dos participantes escolheu a profissão docente por vocação. Contudo, 30% escolheram por conveniência, já que o custo de um curso de licenciatura normalmente é baixo, se comparado a outros cursos de graduação, ou não souberam precisar o motivo. Quando este elemento de escolha profissional conflita associa-se a condições de trabalho ruins, pode-se aventar um fator adicional contributivo para o estresse de parte destes profissionais. Este é um cenário que se consolida cada vez mais, já que a redução de custos dos cursos de licenciatura tem se mostrado como uma estratégia para muitas instituições de ensino superior visando atrair estudantes, que, no entanto, serão futuros professores. Certamente isto não parece representar o fator mais relevante quanto ao estresse, considerando que neste município e no arranjo metodológico eleito, isto representou 30% do total de docentes.

Pouco mais da maioria dos participantes afirma que mora perto da escola, o que facilita o deslocamento destes profissionais até seu ambiente de trabalho. Aqueles que moram longe, contudo, relatam utilizar veículo próprio para chegar à escola. Estes participantes consideram este deslocamento e o fato de enfrentar o trânsito diariamente como fator extremamente estressante em sua rotina de trabalho. Merece destaque esta percepção deste coletivo mesmo envolvendo uma pequena cidade do interior catarinense.

O conforto no ambiente de trabalho mostrou-se um fator importante no que diz respeito aos professores entrevistados. Estes destacam que as salas de aula são muito abafadas e ruidosas, já que, quando raramente há ventiladores, os mesmos geram barulho excessivo. Isso prejudica o desempenho em sala de aula e conseqüentemente a aprendizagem. Este aspecto foi evidenciado no trabalho de Cantos et al.¹⁴, no qual é denotado que os principais aspectos responsáveis pela geração de estresse interferindo no processo saúde doença assinalados pelos professores foram a falta de recursos materiais e as más condições de trabalho.

A docência, no sentido etimológico, tem suas raízes no latim *docere* e significa ensinar, instruir, mostrar, indicar, fazer entender. No sentido formal da palavra, docência é o trabalho dos professores¹⁵. Isto é, o objetivo de ser docente é aplicar conteúdos, fazendo todas as considerações necessárias, sem perder de vista o objetivo da apropriação deste conhecimento por parte do estudante¹⁶. O presente estudo permite refletir que o contexto de trabalho do professor exerce forte influência no trabalho idealizado de docência.

Outro fator que aflige os professores é o excesso de estudantes por turma. Uma turma lotada não possibilita ao professor uma interação mais aprofundada com o estudante. Oliveira¹³ ressalta que o número de estudantes em sala de aula é relevante no que se refere ao atendimento, pois a superlotação não permite ao professor um olhar mais individualizado, o que pode fragilizar o atendimento. Dessa forma, ao ter seu trabalho massificado o professor experimenta dificuldades em alcançar às necessidades pedagógicas de todos, e este, juntamente com os outros elementos, contribui para a precipitação de um sentimento de frustração.

A inclusão de alunos deficientes em sala de aula é outro desafio para o professor, uma vez que este raramente está capacitado para lidar com esta situação. Tais alunos necessitam de um tratamento diferenciado e uma abordagem

de ensino específica, além de condições propícias de trabalho e dedicação. No entanto, além de professores sem o preparo adequado para isso, as condições de trabalho não permitem individualização e tratamento particularizado para cada demanda apresentada. Oliveira¹³ destaca que quando os professores se deparam com o aluno deficiente, têm de desenvolver um trabalho em que será necessária uma flexibilização da dinâmica de sala de aula para atender às especificidades de cada aluno, e nem sempre o professor tem o suporte ou orientação adequada de uma equipe necessária para lhe dar o respaldo para a atividade.

Uma das características que se pode considerar inerente à da profissão docente é a intensa jornada de trabalho. Os professores em busca de melhorar sua renda são induzidos a uma sobrecarga e acabam muitas vezes trabalhando mais de 40 horas semanais. A pesquisa desenvolvida por Monteiro e Vedovato¹² aponta que a sobrecarga de trabalho pode indicar uma necessidade de complementação de renda familiar, através de outros trabalhos, inclusive fora da área de ensino. Gomes et al.¹⁷ considera a questão “horas de trabalho” relevante no desencadeamento de sintomatologia característica de estresse, principalmente se levar-se em conta que este excesso de atividades impacta na qualidade do ensino, ocasionando frequentemente um sentimento de frustração no professor.

Nesta pesquisa um dos fatores apontados como de maior influência estressora refere-se ao excesso de carga horária trabalhada. Existem muitas atividades que o professor precisa desempenhar, o que acaba gerando uma sobrecarga de trabalho, inclusive a necessidade de que realize várias dessas atividades nos finais de semana. Para Dalagasperina et al.¹⁰, os prazos para fazê-las são muito curtos, sempre requerendo urgência na sua condução e com pouco tempo para o estudo e dedicação que elas necessitariam, o que acaba prejudicando também a qualidade do ensino. Esses determinantes causam certo desapontamento, pois os professores não conseguem realizar suas tarefas no ritmo desejado, comprometendo seu desempenho. Entre estas atividades, destacam-se a preparação de aulas, a elaboração de trabalhos e avaliações, bem como a sua correção e o atendimento aos estudantes e familiares.

As situações que envolvem a relação com os estudantes e demais atores da sociedade representa fator que, de acordo com os participantes, agrava o estresse

na rotina dos professores. Foram mencionadas, neste caso, desmotivação e falta de limites ou de educação dos estudantes.

Os pais, por necessidade, especialmente em função de suas jornadas de trabalho, colocam seus filhos em creches e escolas desde muito cedo. Muitas dessas crianças apenas dormem em seu lar. Quando a escola não conta com ensino integral, muitas crianças são conduzidas de uma instituição para outra sem nem passar em casa. Por vezes, quando finalmente há momentos do estudante junto à família, não há interesse em procurar conhecer, mesmo que parcialmente, aspectos que a criança vivenciou durante o dia, de forma a gerar uma relação de compromisso com a formação¹⁸.

A estrutura familiar atual, de maneira geral, acaba por transferir para a escola toda a responsabilidade de educar e preparar o indivíduo para sociedade. E conseqüentemente aos professores, além de ensinar, são atribuídas expectativas de educadores, pais, amigos, confidentes, orientadores, dentre outras. O estudante, por sua vez, cria mecanismos de autodefesa em função dos diversos ambientes em que convive, que geralmente são caracterizados por relações superficiais. E este, muitas vezes, de forma individual ou coletiva, desencadeia um desafio ainda maior aos professores. Essas situações frequentemente culminam em cenários de indisciplina, intolerância e até de violência.

Diante desta situação, a sociedade espera do professor soluções às demandas que não estão exclusivamente ao seu alcance. Desta forma, estabelece-se um paradigma com duas situações distintas: de um lado, encontra-se uma sociedade que se abstém da responsabilidade da educação dos filhos e designa ao professor esta tarefa; por outro lado, as universidades que formam estes profissionais se alheiam a estes complexos processos, não os preparando para esta realidade, bem como para que possam contribuir de forma efetiva para sua mudança, considerando o caráter multifatorial do fenômeno. Este cenário propicia uma desvalorização da profissão docente perante a sociedade, que impõe ao professor atribuições além daquelas para que foi originalmente habilitado.

A compreensão da profissão docente exige ainda a inclusão de outros processos analíticos. Basso¹⁶ afirma que os professores são sujeitos históricos, capazes de transformações, especialmente quando se sentem protagonistas de seu fazer profissional. Esse sentimento é de suma importância, tendo em vista que o

trabalho docente requer do professor um fazer que atenda a uma diversidade de situações articuladas simultaneamente.

É importante considerar também a acepção do professor como sendo um mediador do conhecimento por escolher os modos de ensinar¹⁹, pois sabe o professor que os métodos são eficazes somente quando estão, de alguma forma, coordenados com os modos de pensar do aluno. O aluno, dessa forma, caminha com as próprias pernas em seu processo de aprender, ainda que o professor esteja ali para lhe mostrar o caminho.

Desta forma, com base nos achados deste estudo e as reflexões da literatura pesquisada, pode-se ponderar que o exercício da docência nos dias atuais no Brasil é paradigmático e limítrofe. Estes determinantes outros do trabalho do professor envolvem contextos sociais, culturais, políticos e econômicos, de modo que fica patente que a educação e a atuação docente plena e satisfatória é e deve ser compromisso de toda a sociedade.

O estresse ocupacional está fortemente vinculado às condições a que o trabalhador é exposto, às relações estabelecidas na convivência do trabalho e ao nível de satisfação profissional. Percebe-se que as principais causas do estresse em professores são as condições de trabalho. Os professores têm clara esta percepção, porém não contam com apoio estrutural para isso.

Os professores acabam se sobrecarregando de trabalho, buscando subsistência que seja compatível ou se aproxime de condições dignas de vida. Essas intensas jornadas de trabalho contribuem para o estresse do docente. Ao atentar para o trabalho do professor, observa-se que o mesmo não ocorre só em sala de aula, sendo que grande parte de tempo é dispendido na preparação de aulas, na elaboração e correção de atividades avaliativas, pesquisa, entre várias outras demandas.

Evidenciou-se que as relações, por vezes comprometidas quantitativa e qualitativamente, entre professores e estudantes, que deveriam ser fonte de realização e satisfação, acabam representando uma das principais causas do estresse destes profissionais. A frequente indisciplina, descompromisso e negligência dos estudantes perante os estudos torna o trabalho do professor ainda mais árduo e desestimulante.

Nem sempre esses profissionais têm condições e recursos próprios para manejar adequadamente tais situações estressantes. O combate e a prevenção, neste caso, não é uma tarefa somente para os professores, mas devem contemplar ações conjuntas entre docentes, estudantes, instituições de ensino, famílias, enfim, a sociedade como um todo.

CONCLUSÃO

A condição destes professores do pequeno município de Jaguaruna/SC denota a necessidade de ações efetivas voltadas à realização de trabalhos preventivos e/ou de tratamento destinados aos docentes, como meio de amenizar a tensão ocupacional. Estes profissionais devem ser alertados e contar com maior conhecimento sobre os possíveis fatores de estresse relacionados ao trabalho e à possibilidade de desenvolvimento desse tipo de estresse ocupacional de caráter crônico, chamado de *Burnout*.

Dessa forma, cabe aos órgãos públicos ligados à saúde a elaboração de leis de amparo e proteção a este profissional, visto que é uma classe de suma importância para a sociedade e está ficando debilitada. Uma forma de atenuar o problema é a redução da carga horária trabalhada pelo professor, incluindo nesta um maior número de horas para planejamento de sua aula, bem como uma melhor remuneração por suas atividades. Pode-se perceber a necessidade de melhorar a infraestrutura das escolas e a instauração de programas de capacitação mais eficazes, pertinentes à realidade das escolas. Cabe à sociedade sentir-se responsável e que tenha o desejo de mudar o atual paradigma da educação, projetando-a como prioridade política e social.

REFERÊNCIAS

1. Moura GL. Confissões de um iniciante professor: Ensinar não é preciso... Inspirar é preciso. *Gestão Organizacional*, Recife, 2005;3(1):62-66.
2. Fróes AR. A formação do professor. 2010. Disponível em: <http://www.rededeensinojk.com.br/userfiles/file/fac_guara/ARTIGO_ANGELO_CURSO_DOCENCIA.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2014.

3. Assunção AA, Gasparini SM, Barreto SM. O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, 2005;31(2):189-199.
4. Chaves SSS, Fonseca PN, Gouveia VV. Professores do ensino fundamental e bem-estar subjetivo: uma explicação baseada em valores. *Psico-USF*, São Francisco, 2006;11(1):45-52.
5. Gomes A, Montenegro N, Peixoto AMBC, Peixoto ARBC. Stress ocupacional no ensino: um estudo com professores dos 3º ciclo e ensino secundário. *Psicol. Soc.*, 2010;22(3):587-597.
6. Santini JA. Síndrome do esgotamento profissional: o “abandono” da carreira docente pelos professores de educação física da rede municipal de ensino de Porto Alegre. 224p. Dissertação de Mestrado. UFRS. Porto Alegre: 2004.
7. Braz JS, Fêo EA. O estresse e a profissão do professor: Avaliação da existência da síndrome de Burnout em professores da Estácio de Sá de Ourinhos. *Revista de Humanidades e Ciências Sociais Aplicadas*, Ourinhos, 2006;1(1):1-17.
8. Ferreira LP, Giannini SPP, Latorre MRDO. Distúrbio de voz e estresse no trabalho docente: um estudo caso-controle. *Caderno Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 2012;28(11):2115-2124.
9. Andrade Neto B, Benedet J. Vamos assistir a uma palestra? *Revista Profissão Mestre*, Curitiba, 2003;42:16-18.
10. Dalagasperina P. O estresse e a síndrome de Burnout em professores do Ensino Privado do Rio Grande do Sul. 2012. 62 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-graduação em Psicologia, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2012.
11. Ribeiro HP. O juiz sem a toga: um estudo da percepção dos juízes sobre trabalho, saúde e democracia no judiciário. Florianópolis: Lagoa, 2005.
12. Monteiro MI, Vedovato TG. Perfil sociodemográfico e condições de saúde e trabalho dos professores de nove escolas estaduais paulistas. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, São Paulo, 2008;42(2):290-297.
13. Oliveira JMS. Um estudo sobre as causas do stress dos professores de Educação Infantil, da Rede Municipal de Lauro de Freitas, em sala de aula. 2012. Disponível em: <http://www.unibahia.br/web/pdf/artigos/causa_stress_prof.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2014.
14. Cantos GA, Silva MR, Nunes SRL. Estresse e seu Reflexo na Saúde do Professor. *Saúde Rev.*, Piracicaba, 2005;7(15):15-20.

15. Veiga IPA. (org.). Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível. Campinas: SP. Papirus, 2004.
16. Basso IS. Significado e sentido do trabalho docente. Caderno CEDES, Campinas, 1998;19(44):1-7.
17. Gomes FB, Pereira AMTB, Justo T, Silva SGM, Volpato DC. Sintomas de estresse em educadores brasileiros. Aletheia, Canoas, 2003;1(17-18):63-72.
18. Carlotto MS, Palazzo LS. Síndrome de Burnout e fatores associados: um estudo epidemiológico com professores. Caderno Saúde Pública, Rio de Janeiro, 2006;22(5):1017-1026.
19. Bartholo Júnior RS, Tacca MCVR, Tunes E. O professor e o ato de ensinar. Cadernos de Pesquisa, 2005;35(126):689-698.